A FUNÇÃO AUTOR EM DEBATE: ÉTICA, CRÍTICA SOCIAL E INVENÇÃO LITERÁRIA EM KAZUO ISHIGURO, MARGARET ATWOOD E ANGIE THOMAS

Daniel Vitor de Souza Batista[1]

Lucas Lima Sousa dos Santos[2]

Thamyres Pereira de Souza[3]

José Ailson Lemos de Souza[4]

INTRODUÇÃO

Nos estudos literários, o conceito de autor é dos mais controversos devido à problematização levantada por críticos importantes, como Roland Barthes, Michel Foucault, dentre outros, para desvincular a relação entre aspectos biográficos e intencionais de escritores com a interpretação de seus textos. Desde então, o papel do autor para a interpretação de sua obra é complexo, pois envolve questões para além dessa instância de enunciação, como o contexto cultural de recepção e o valor atribuído pela crítica, dentre outras. As concepções mais antigas defendiam a centralidade da intenção do autor no processo de formação de sentidos do texto. Todavia, a crítica moderna condena essa percepção como falaciosa e procura colocar mais ênfase em outros elementos envolvidos do evento de interpretação, como o texto propriamente dito e o leitor.

O presente artigo tem o fim de discutir o conceito de autor a partir do escritor britânico Kazuo Ishiguro, da canadense Margaret Atwood, e da norte-americana Angie Thomas, cujos romances *Não me abandone jamais* (2016), *O conto da aia* (2017) e *O ódio que você semeia* (2018), têm sido nossos objetos de pesquisa.

A análise realizada permitiu observar que Kazuo Ishiguro, Margaret Atwood e Angie Thomas estruturam narrativas que têm em comum explorações sobre ética, princípios de igualdade e suas falhas, produzindo autores que dialogam com as tensões e contradições do presente a partir de textos que transitam entre a crítica social e a invenção literária.

METODOLOGIA

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa, partindo-se do levantamento bibliográfico a partir da leitura de livros, capítulos de livros e artigos. Em seguida se detem em uma abordagem hermenêutica com o fim de compreender noções e conceitos e revisar as categorias de análise. Em seguida, a análise se concentra em leituras interpretativas dos romances *Não me abandone Jamais* (2016), de Kazuo Ishiguro, *O conto da aia* (2017), de Margaret Atwood, e *O ódio que você semeia* (2018), de Angie Thomas. Souza (2016) compreende que a pesquisa bibliográfica consiste em atividade metódica, atenta, rigorosa e crítica, sendo a leitura dividida em três níveis: exploratório, analítico e comparativo. No nível exploratório, devemos

1 Discente em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão, Bolsista FAPEMA (2024-2025). E-mail: dv6577@gmail.com

2 Discente em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão, PIVIC UEMA (2024-2025). E-mail: luckaslimma98@gmail.com

3 Discente em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão, Bolsista FAPEMA (2024-2025). E-mail: thamyresdesz@gmail.com

4 Doutor em Literatura e Cultura, Docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: joseailsonsouza@professor.uema.br

atentar para as seguintes informações: "o título e o subtítulo da obra, o nome do autor e sua situação profissional; a editora; o ano e o local da publicação; o número da edição; o sumário; os índices; a bibliografia; o prólogo; o prefácio ou a apresentação; as informações contidas na orelha." (Souza, 2016, p. 81).

Finalizada essa etapa, deve-se selecionar trechos ou capítulos da referência de acordo com a necessidade ou objetivo do pesquisador. No nível analítico, deve-se delimitar os elementos-chave, as relações lógicas entre as partes do texto e destacar trechos essenciais (Souza, 2016). Por último, a leitura comparativa contempla "o cotejo de múltiplas fontes de informação bibliográfica, tendo em vista equacionar ou solucionar a questão formulada no processo da pesquisa, preferencialmente pela elaboração de uma compreensão pessoal do tópico em apreço" (Souza, 2016, p. 88).

Seguindo as orientações de Souza (2016) nosso ponto de partida foi o levantamento da crítica sobre conceito de autor a partir de Barthes (2004), Foucault (2009), Chartier (2021) e Felski (2003). Em seguida, consideramos as características temáticas e de estilo a partir dos romances em foco.

Após esta etapa, a pesquisa se concentra na leitura e análise dos romances, tendo por objetivo construir uma interpretação própria das obras com base nas premissas de Durão (2020, p. 28) para a pesquisa em literatura: "interpretar significa acrescentar algo à literalidade do objeto de forma que, ao final, aquilo que foi adicionado pareça pertencer à própria coisa".

A presente pesquisa resultou em três artigos publicados em periódicos nacionais, três monografias de conclusão de curso, as quais também integram o conteúdo de um e-book a ser publicado ainda neste ano.

O PROBLEMA DO CONCEITO DE AUTORIA NOS ESTUDOS LITERÁRIOS

Michel Foucault e Roland Barthes são os teóricos que mais influíram na problematização do conceito de autoria na literatura no século passado. A partir da crítica apresentada em textos como "O que é um autor" (1969/2009) e "A morte do autor" (1968/2004), criticam noções então correntes de autoria, sua importância e formação. O autor pode ser entendido como um ser de construção social e institucional, carregado de ideologias. De acordo com Barthes:

> O autor é uma personagem moderna, produzida sem dúvidas por nossa sociedade na medida em que, ao sair da Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio do indivíduo ou, como se diz mais nobremente, da "pessoa humana". (Barthes, 2004, p. 58)

Barthes analisa e critica a centralidade do autor no processo de interpretação, pois em sua perspectiva, a obra deve ser analisada de forma independente da biografia, contexto histórico ou intenções do autor. Argumenta ainda que "a escritura é a destruição de toda a voz, de toda a origem. [...] esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito [...] a começar pelo corpo que escreve" (Barthes, 2004, p. 57). Para Foucault, o autor não é uma figura natural, mas uma construção discursiva, historicamente situada, que organiza e regula o campo dos textos. Ele afirma o seguinte:

> O nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser. Consequentemente, poder-se-ia dizer que há, em uma civilização como a nossa, um certo número de discursos que são providos da função "autor", enquanto outros são dela providos. (Foucault, 2009, p. 274).

Ambos os teóricos defendem uma noção de interpretação independente a partir do discurso linguístico. Nessa perspectiva, o sujeito autor nasce com o texto, no ato de construir uma teia de citações e referências, que se torna independente diante do destinatário.

> Ao autor como princípio produtor e explicativo da literatura, Barthes substitui a linguagem, impessoal e anônima, pouco a pouco reivindicada como matéria exclusiva da literatura por Mallarmé, Valery, Proust, pelo surrealismo, e, enfim, pela linguística. [...] o autor cede o lugar principal à escritura, ao texto, ou ainda, ao "escriptor", que não é jamais senão um "sujeito" no sentido gramatical e linguístico, um ser de papel, não uma "pessoa" no sentido psicológico, mas o sujeito da enunciação que não uma preexiste à sua enunciação mas se produz com ela, aqui e agora. (Compagnon, 2010, p. 50).

Na leitura de Compagnon, a autoria não precede o texto mas é por ele produzida, conferindo centralidade não só aos conteúdos, mas ao estilo e elaboração da escrita. Além desse deslocamento, outra instância que recebe maior destaque é o leitor. Segundo o crítico, o

> último elo do novo sistema que se deduz inteiramente da morte do autor: o leitor, e não o autor, é o lugar onde a unidade do texto se produz, no seu destino, não na sua origem; mas esse leitor não é mais pessoal que o autor recentemente demolido, e ele se identifica também a uma função: ele é "esse alguém que mantém reunidos, num único campo, todos os traços de que é constituída a escrita. (Compagnon, 2010, p. 51).

Dentro da concepção da cisão autor e obra, Foucault aponta dois problemas que implicam na morte do autor, a definição de obra e o conceito de escrita. "a palavra "obra" e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas quanto a individualidade do autor" (Foucault, 2009, p. 270), o que o teórico observa é concepção do que a crítica consideraria uma obra, seria tudo que o autor escreveu em vida, incluindo cartas, anotações e rabiscos de endereços ? destacando também que a reunião dessa possível "obra" passa por um processo de reescritura que dispensa a individualidade do autor; quanto a noção de escrita preserva a figura do autor, pois o material está disperso no tempo e espaço.

Roger Chartier (2021) problematiza a discussão entre autoria e a história cultural e considera que o autor não é uma entidade fixa e singular, mas sim um "efeito de leitura". O significado de uma obra depende tanto de quem escreve quanto de quem lê. Segundo o estudioso, esse processo pode ser visto na ocasião da morte física de um escritor e na sequência os editores selecionam os textos que integrarão a obra. A função autor é também um princípio de controle diante da proliferação do sentido:

> [...] um desses dispositivos que, segundo ele [Foucault], deviam assegurar esta rarefação de uma significação proliferante. Enfim, essa função é produzida por operações complexas que se estabelecem no afastamento radical entre o nome do autor e o indivíduo real, entre uma categoria do discurso e o seu subjetivo. (Chartier, 2021, p. 29).

Chartier relaciona a perspectiva de Foucault para a autoria com a construção de sujeitos jurídicos, os quais seriam formas de existência ficcionais, distantes das existências individuais de indivíduos empíricos. O autor é assim, continuamente reconfigurado pelos contextos de recepção.

Outra perspectiva sobre a categoria é apresentada por Orlandi (2005), para quem a autoria propicia a discussão sobre um lugar que se assume no discurso. Ou seja, uma posição em que o sujeito encontra no interior de um discurso. Desse modo, para a estudiosa, a função-autor estabelece "uma relação organizada – em termos de discurso – produzindo um efeito imaginário de unidade" (Orlandi, 2005, p. 65).

Rita Felski levanta a discussão sobre a questão da autoria em *Literature after Feminism* [A Literatura após o Feminismo] (2003) e sua recepção entre as teóricas feministas entre as décadas de

1970 e 1980 no contexto anglófono. A ideia norteadora sobre autoria após a "morte do autor" é a de liberar o leitor da figura do autor, porém, esse empreendimento crítico foi compreendido com ressalvas por parte das feministas. De acordo com Felski, concomitante à crítica empreendida por Barthes e Foucault, a maioria das pesquisadoras se ocupavam em reler grandes autoras do passado, como Jane Austen e Emily Dickinson. O esforço de apresentar outras leituras das obras dessas autoras, que haviam sido "persistentemente mal interpretadas", era então rivalizado com uma visão de que a autoria não teria mais importância, pois o autor (incluindo autoras injustiçadas por séculos de leituras misóginas) estavam mortos. Seria um contrassenso determinar que a autoria não deveria mais ser considerada para avaliar obras quando se observa que houve diversos casos em que o gênero atrelado a textos diversos determinou leituras equivocadas que inferiorizava escritoras.

Felski (2003) ressalta que as teóricas feministas enfatizavam que as condições materiais e históricas dimensionavam as mulheres numa esfera outra para se discutir escrita, autoria, leitura e obra. Inúmeros casos de autoras que precisaram escamotear o gênero na capa de livros, como foi o caso das irmãs Brontë no contexto britânico, exemplificam que a questão da autoria ou da morte do autor precisaria ser repensada de modo a levar em consideração a condição de escrita e de autoria.

SOBRE FUNÇÃO AUTOR A PARTIR DE KAZUO ISHIGURO, MARGARET ATWOOD E ANGIE THOMAS

O Caso de Kazuo Ishiguro

Kazuo Ishiguro é um escritor britânico, nascido no Japão em 1954. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 2017 e o prêmio *Booker Prize* de 1989 com o romance *Os vestígios do dia.* Recebeu diversas indicações a outros prêmios por *Não me abandone jamais*. A seguir, discorre-se brevemente sobre a função autor que se depreende a partir desta última obra.

(Segundo Foucault (2009), a função autor está relacionada a operações específicas que definem o papel do autor enquanto figura social e discursiva, e não necessariamente a uma individualidade fixa ou universal. Nesse sentido, Ishiguro apresenta características autorais que se traduzem em estilo, temas e técnicas que o singulariza enquanto autor.

Ishiguro constrói suas narrativas por meio de temas como memória, perda, identidade, e a aceitação do destino, elementos trabalhados com sensibilidade que convida o leitor a atividade reflexiva, tais elementos consolidam sua autoria como uma construção discursiva que transcende a figura do escritor para se materializar em um conjunto de marcas estilísticas e temáticas que dão unidade à sua obra.

O romance *Não me abandone jamais* é desenvolvido com uma linguagem contida, introspectiva e melancólica. A consciência narrativa que se expressa de forma introspectiva pela narradora Kathy constrói a dimensão subjetiva e melancólica do mundo distópico que habita. A função autor, aqui presente, é construída a partir dos personagens e da atmosfera da narrativa, em que é internalizado temas e conflitos maiores, como ética, sociedade e a existência. O romance problematiza a capacidade da narradora e demais personagens em perceber as circunstâncias em que estão inseridos. Trata-se de seres clonados a partir de párias da sociedade em uma Inglaterra distópica, que têm como função servir como doadores de órgãos tão logo completem 18 anos:

> "Tommy, foi muito esquisito ela ter dito isso. Tem certeza de que entendeu direito?" "Claro que entendi direito." A voz dele baixou de repente. "Ela não disse isso uma vez só, não. Estávamos na sala de aula dela e ela me fez a maior preleção a respeito." Tommy me explicou que quando Miss Lucy o chamara para ir até seu gabinete, depois da aula de Apreciação da Arte, ela fora esperando, no máximo outro sermão sobre a necessidade de se esforçar mais [...] (Ishiguro, 2016, p. 38).

A construção da narrativa a partir do uso de elementos de ficção científica propõe uma reflexão sobre o que é ser humano e a visão do homem em relação a quem é diferente. Trata-

se de um romance de cunho psicológico, cuja perspectiva é construída a partir da visão de um clone, que, assim como outros personagens clonados, aceita sem questionar as imposições que irão resultar em uma morte prematura. A construção narrativa propõe a "intenção em ato", evidenciada por Poulet e destacada por Compagnon (2010), em que a consciência do autor se manifesta em uma estrutura profunda da visão de mundo expressa pela obra, descartando assim a tese biográfica, "[...] a consciência não tem muito a ver com uma biografia nem com uma intenção reflexiva ou premeditada, mas corresponde às estruturas profundas de uma visão de mundo" (Compagnon, 2010, p. 65).

Em *Não me abandone jamais*, Ishiguro enfatiza digressões temporais e um registro que cria certa intimidade com o leitor. Observe-se, por exemplo, quando a narradora se direciona àquele que está lendo: "Não sei como eram as coisas onde você esteve" (Ishiguro, 2016, p. 21), e ainda: "Tenho certeza de que em algum momento da sua infância você também passou por uma experiência semelhante" (Ishiguro, 2016, p. 49). Como a narrativa problematiza os termos da diferença entre seres clonados versus não clonados, e as implicações dessa diferença para a exploração dos clones, a estratégia narrativa dissolve a diferença uma vez que a narradora sugere experiências em comum com os leitores.

Em outra passagem, Kathy volta a dialogar diretamente com o leitor: "Mas só estou lhe contando isso tudo agora para explicar por que eu me sentia tão cética a respeito do tal possível de Ruth." (Ishiguro, 2016, p. 174). Aqui, a própria posição de contadora de histórias parece ser um fator que desfaz uma possível diferença entre clone e humanos.

A função autor em Ishiguro promove a imersão em temas como ética e identidade, que transcende a figura do escritor, uma vez que a visão de mundo exposta nas profundezas da consciência narrativa de sua protagonista convida o leitor ao trabalho reflexivo e interpretativo da realidade distópica e seu próprio mundo.

O caso de Margaret Atwood

Margaret Atwood é uma escritora canadense nascida em 1939. Recebeu o *Booker Prize*, a maior premiação literária de língua inglesa, em 2000 por *O Assassino Cego* e em 2019 por *Os Testamentos*. Este romance é uma continuação dos eventos narrados em *O conto da aia*, publicado em 1985. A seguir, apresentamos uma breve discussão sobre a função autor a partir desta obra.

O conto da aia destaca-se como uma obra relevante, pois oferece uma reflexão sobre resistência, liberdade e opressão. O romance ambienta-se em uma república teocrática onde os indivíduos, principalmente mulheres que não se encaixam no novo padrão opressor e religioso, são destituídos de seus direitos e reduzidos a papéis rígidos e subjugados. O país que antes era mantido por um sistema democrático passa a ser regido pelas mãos de fundamentalistas religiosos, que articulam uma nova sociedade; a república de Gilead, um lugar para os filhos de Jacó. Gilead é o lugar onde não há espaço para discussões e opiniões diferentes, bem como não oferece outro papel social para as mulheres que ainda são férteis, a única saída é servir como *Aias* na casa dos comandantes.

> Afundo dentro de meu corpo como se dentro de um pântano [...] A cada mês fico vigilante à espera de sangue, temerosamente, pois quando ele vem significar fracasso. Falhei mais uma veze em satisfazer as expectativas de outros, que se tornaram as minhas próprias expectativas." (Atwood, 2017, p. 90).

A narrativa é apresentada pela protagonista Offred, o foco narrativo na narradora-personagem promove efeito de impacto sobre o leitor, pela sensação de proximidade, principalmente pela maneira como suas experiências são apresentadas na narração do texto. É através do relato de Offred que o leitor conhece a luta de todas as mulheres que vivem segregadas em Gilead.

Assim, os episódios narrados tanto os utópicos, quanto os distópicos a voz de Offred se faz reverberar nos mínimos detalhes e em riquezas de informações, colocando o leitor em uma espécie de conhecimento profundo dos acontecimentos em Gilead, são detalhes que proporcionam sensações ao leitor, sentimento de que sente tudo junto com a personagem as aflições e medos. Os relatos de sua captura, bem como os de quando estava sendo preparada no *"Centro Vermelho"*, as armas que Tia Lydia usava nas meninas para manter a disciplina e o respeito. Todos esses momentos são perceptíveis e vivos para quem está de posse da leitura, sendo um dos relatos, que pode gerar ao leitor sentimento de agonia, angústia, a "*Cerimônia",* momento em que os comandantes abusam sexualmente das mulheres que agora levam seus nomes, as Aias. Durante esse momento de brutalidade é mantido silêncio absoluto, como se respeitassem o que na visão dos filhos de Jacó é um momento de beleza e milagre. A mulher do comandante em uma posição sentada sobre a cama, segura os braços da Aia enquanto o comandante; nas palavras de Offred:

> Minha saia vermelha é puxada até minha cintura [...] O que ele está fodendo é a parte inferior do meu corpo [...] Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo. [...] Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. (Atwood, 2017, p. 115).

Em um contexto em que obras literárias são utilizadas como ferramentas para refletir e criticar a sociedade, *O Conto da Aia* permanece uma peça crucial para a compreensão das dinâmicas de poder e resistência. Estudar a principal obra de Margaret Atwood não só contribui para a nossa formação como pesquisadores, mas também permite levantar uma discussão de interesse para a sociedade como um todo.

É por meio de seus escritos que Atwood ilumina os debates sociais, históricos, políticos e religiosos, debates esses que estão presentes em sua obra mais aclamada, *O conto da aia*, que traz notoriedade e discussão por intermédio de sua função de autora, que é mostrar a função discursiva de sua autoria e não mais uma característica intrínseca ao conteúdo do texto ou ao próprio autor. Ser reconhecida como autora coloca o discurso feminista e distópico como uma pauta legitima e disponível ao debate e ao pensamento da sociedade. Nesse contexto Michel Foucault afirma "A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade (Foucault, 2009, p. 274).

No ensaio *A vilania de mãos maculadas*, Margaret Atwood (2023) reflete sobre a importância do movimento feminista para a literatura. No entanto, pondera sobre o problema da representação para grupos historicamente oprimidos, que tende a evitar a diversidade que marca a natureza humana (pessoas boas, más, virtuosas, perversas) com o fim de não corroborar estereótipos:

> Para resumir alguns benefícios para a literatura do movimento das mulheres – a expansão do território disponível a escritoras, no personagem e na linguagem; um exame afiado de como o poder funciona nas relações de gênero, e a exposição de grande parte disso como um construto social; uma exploração vigorosa de muitas áreas de experiência antes ocultas. Mas como em qualquer movimento político surgido da real opressão – e enfatizo *real* –, também existiu, pelo menos na primeira década do movimento atual, uma tendência a cortar biscoitos com forminhas: isto é, as mulheres eram intrinsicamente boas e os homens, maus (Atwood, 2023, p. 196).

A romancista representa diversas personagens a importância do mau comportamento para criar personagens que precisam em seguida se responsabilizar por seus atos, e cita Jezebel, Medeia, Medusa, Dalila, Regan, Goneril, Lady Macbeth, Becky Sharpe, e Sula, dentre diversas outras, que se erguem no mundo ficcional como seres "plenamente dimensionais; também têm profundezas subterrâneas" (Atwood, 2023, p. 204).

O Caso de Angie Thomas

Angie Thomas é uma escritora norte-americana, nascida em 1988. Estreou na ficção com o romance *O ódio que você semeia*, narrativa inspirada pelo movimento *Black Lives Matter*. Aborda de forma recorrente a temática do racismo em obras voltadas para leitores jovens adultos. A seguir, consideramos a função autor a partir de seu romance de estreia.

Em *O ódio que você semeia* (2017), Angie Thomas aborda a questão do racismo estrutural, tanto no sistema policial, quanto na sociedade, realizando a escrita em primeira pessoa, através dos testemunhos e memórias da protagonista Starr Carter, a personagem narra os acontecimentos pós morte de Khalil, mas a morte de seu amigo não é o único conflito em sua vida adolescente, a dicotomia racial e social também se faz presente, a jovem assume o papel entre ser a Starr do "gueto" e a Starr de "Williamson" (escola de elite e predominantemente branca que ela frequenta), também é exposta no livro, o sentimento de traição que acompanha Starr, e sabe-se disso com a personagem o descrevendo quando se viu na posição de ter que negar o melhor amigo para as suas amigas brancas, Hailey e Maya.

> Se for revelado que eu estava no carro, o que isso vai me tornar? A garota bandida do gueto com o traficante? O que meus professores vão pensar de mim? Meus amigos? O mundo todo, possivelmente? - Eu...Fecho os olhos. Khalil olha para o céu: Cuida da sua vida, Starr, diz ele. Eu engulo em seco e sussurro: Eu não conheço aquele Khalil. É uma traição pior do que namorar um garoto branco. Eu o nego e praticamente apago cada gargalhadas que demos, cada abraço, cada lágrima, cada segundo que passamos juntos. Um milhão de "me desculpe" ecoam na minha cabeça, e espero que cheguem a Khalil onde quer que ele esteja, e mesmo assim nunca serão suficientes. (Thomas, 2017, p. 101)

O romance aborda as vivências de uma comunidade que sofre com o racismo estrutural dos Estados Unidos, essas questões envolvem serem apontados e confundidos com criminosos, os relacionamentos inter-raciais e como o racismo vai afetar a vida pessoal das personagens. Considerando os traços da autoria a partir de marcas do discurso do texto, pensamos que Angie Thomas na função-autor (que não se deve confundir com a pessoa que escreveu o romance) surge como voz que explora a dimensão do racismo naquele contexto para construir a narrativa romanesca, que assim como todo romance, levanta questões e impasses da vida social e elabora o enredo em um mundo fictício reconhecível aos leitores.

Como observa Barthes (2004), a figura do autor toma uma notoriedade exacerbada, devido à necessidade do leitor em tentar aproximá-lo de sua própria obra e fixar o sentido da obra. Essa necessidade de tentar explicar ou relacionar a obra à vida, paixões e vícios do autor, apesar de parecer sem sentido, é observada ao longo da história, surgindo como tendência no século XIX de maneira psicologizante, se baseando em impressões sobre o autor, sendo tal impasse superado pelas correntes críticas da época durante a primeira metade do século XX.

Para Barthes (2004, p. 61), escrever já não é somente um ato de registrar, de verificação, de apresentação (como defendiam os clássicos), agora, é um ato de performar, de maneira verbal e rara, utilizando da primeira pessoa e no tempo presente. O texto não é mais apenas linhas de palavras com sentido, mas sim um espaço com múltiplas dimensões, tecido de citações, oriundas de diversos focos da cultura.

O romance de Thomas evidencia a exploração para com as vivências de pessoas afro-americanas, essas que são afetadas pelo racismo estrutural e as experiências tidas como comuns, as quais são interrompidas pela violência policial, a função que o autor assume é de crítica social, e a partir desta crítica a narrativa se desenvolve não só como denúncia e conscientização, mas também como objeto de apreciação por meio do qual a estrutura desigual daquela sociedade é representada de modo a criar eventos ficcionais. Questões de raça e classe presentes na obra analisada evidenciam o racismo que a comunidade negra ainda sofre e partindo disso, o romance de Thomas explora o racismo presente nas instituições, como a corporação policial dos EUA.

CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo desta pesquisa permitiu observar que Kazuo Ishiguro, Margaret Atwood e Angie Thomas estruturam narrativas que têm em comum explorações sobre ética, princípios de igualdade e suas falhas. As leituras evidenciam que os autores e suas obras instauram intervenções para além da ficção, possibilitando discussões sobre formas contemporâneas de dominação.

A análise da categoria autor a partir de Barthes (2004), Foucault (2009), Compagnon (2010), Chartier (2021) e Felski (2003) possibilitou reconhecer que a função autor desempenhada pelos escritores em foco articula ficção e crítica política, construção estética e reelaboração de discursos sociais sobre identidade e poder.

A função autor em Ishiguro apropria-se de temas como ética e identidade, os quais contextualizam a visão de mundo exposta nas profundezas da consciência narrativa de Kathy em *Não me abandone jamais*. A partir dessa narradora, o romance convida o leitor ao trabalho reflexivo e interpretativo de uma realidade distópica que ilumina o seu próprio mundo.

Atwood se situa dentro daquilo que Foucault (2009) denomina "função autor". Sua figura não se limita a ser a origem biográfica do texto. Pelo contrário, funciona como princípio organizador de discursos e debates sociais que circulam a partir da obra. Sua escrita adquire valor institucional e crítico ao tornar visíveis práticas de opressão e violência naturalizadas na sociedade contemporânea. No romance, a autora convoca o leitor a ocupar papel ativo, operando o que Compagnon (2010) caracteriza como deslocamento do sentido do autor para o leitor. A experiência de leitura se torna, assim, parte constitutiva da crítica feminista e política do texto.

Thomas aborda a questão do racismo estrutural, tanto no sistema policial quanto na sociedade, realizando a escrita em primeira pessoa. A partir de uma narrativa que aproveita testemunhos e memórias, Starr Carter narra os acontecimentos após a morte de Khalil, descobrindo as implicações do seu contexto social, os efeitos da estrutura racista e como resposta, o alinhamento com movimentos de protesto. A função autor confunde-se com uma voz que explora a dimensão do racismo naquele contexto para construir a narrativa a partir de questões e impasses da vida social e elabora um enredo facilmente reconhecível aos leitores.

Os três casos aqui analisados exemplificam explorações ficcionais de problemas sociais que surgem como distopias amparadas e reguladas por governos ou regimes. Estes sustentam mecanismos de vigilância, punição e coerção e assim produzem sujeitos disciplinados. Esse processo confirma a afirmação foucaultiana de que todo regime autoritário cria dispositivos que administram corpos e fabricam subjetividades subordinadas. Os três autores analisados representam marcos de um encontro crítico com o literário capaz de mobilizar discussões éticas, sociais e políticas. Espera-se que a discussão iniciada forneça subsídios para outros estudos sobre a relação entre literatura, poder e identidade em narrativas distópicas.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), nosso agradecimento por viabilizar a execução da presente pesquisa, fornecendo o suporte institucional e estrutural indispensável ao desenvolvimento do estudo. À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), agradecemos a concessão das bolsas durante o ciclo 2024-2025, cujo apoio foi essencial para a dedicação integral às atividades acadêmicas, e a obtenção dos resultados ora apresentados.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, M. **O conto da aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, M. **Alvos em movimento:** uma coletânea de trajetórias (1982-2004). Trad. Maira Parula. Rio de Janeiro: Rocco, 2023.

BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. **O rumor da língua**. Trad. Maria Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHARTIER, R. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia**. Trad. Luzmara Curcino; Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Paulo: EdUFSCar, 2021.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DURÃO, F. A. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

FOUCAULT, M. **O Que é um Autor?** In: FOUCAULT, M. Estética: literatura e pintura, música e cinema. 2ª ed. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2009.

FELSKI, R. **Literature after Feminism**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2003.

ISHIGURO, K. **Não me abandone jamais**, 2ª ed. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ORLANDI, E. **Discurso de Texto:** formulação e circulação dos sentidos. 2.ed. Campinas: Pontes, 2005.

SOUZA, R. A. **Um pouco de método:** Nos estudos literários em particular, com extensão às humanidades em geral. São Paulo: É Realizações, 2016.

THOMAS, A. **O ódio que você semeia.** Trad. Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Galera Record, 2017.